

A inflação pode bater todos recordes: 15% este mês.

Será a consequência da retirada dos subsídios do petróleo, álcool, trigo e açúcar. A previsão é de um economista da FGV.

Em junho, o índice de inflação deve ficar entre 13% e 15%, superando o recorde histórico mensal — os 11,3% registrados em janeiro de 1964. Essa previsão foi feita ontem pelo professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, Antonio Carlos Porto Gonçalves.

Segundo ele, a elevação do índice ocorrerá em função de um novo surto de "inflação corretiva", decorrente das medidas econômicas recentemente adotadas, que provocaram altas nos derivados de petróleo, álcool, trigo e açúcar. Porto Gonçalves diz ainda que a retirada parcial dos subsídios ao crédito agrícola deverá afetar os preços do item alimentação.

Para ele, esse surto de "inflação corretiva" deverá manter-se nos próximos quatro meses, quando as taxas, anteriormente no patamar de 7,5% a 8%, sofrerão acréscimos mensais de no mínimo 4% a 5%. Porto Gonçalves há anos vem elaborando uma série estatística dos vários índices que medem a variação de preços, com modelo econômétrico que apresenta quase nenhuma alteração em relação aos índices da Fundação Getúlio Vargas, e que são divulgados mensalmente na publicação técnica Suma Econômica.

O professor da FGV afirma que o "pacote" econômico é altamente "estagflacionista", por não incorporar a desindexação, medida que neutralizaria esses aumentos episódicos e aleatórios. A seu ver, o governo deveria ter adotado ainda um controle geral de preços, salários e juros, para conter efetivamente a inflação e tornar o "pacote" mais vendável politicamente. Ao mesmo tempo, o governo deveria adotar uma política monetária mais fraca para evitar o aprofundamento da recessão.

Porto Gonçalves diz que, ao contrário do que se pensa, o ex-ministro Octávio Gouvêa de Bulhões

não manteve, durante o primeiro ano de combate à inflação do governo Castelo Branco, em 1964, uma política monetária rígida. Segundo ele, o nível de expansão monetária, de 90% está abaixo do ritmo de alta dos preços, na faixa dos 120%. Com isso, afirma, a recessão já está atingindo a "nata" das empresas, e não apenas as mal gerenciadas, por causa da forte retração na demanda interna.

Segundo Porto Gonçalves, caso a inflação de junho fique em 13%, a taxa acumulada dos seis meses atingirá 68% e dos 12 meses 128,7%. Para a inflação chegar aos 170% no final do ano, disse que as próximas taxas mensais devem situar-se na média de 8,9% e se subirem para a média de 10,5%, o acumulado anual ultrapassará os 200%. Sua perspectiva é de que a inflação se situe na faixa dos 170% a 200%, caso o governo não promova de forma rápida e eficaz a desindexação da economia.

O professor da FGV explicou que este mês a taxa de inflação sofrerá forte pressão dos aumentos dos derivados do petróleo, do trigo, do açúcar e do álcool. A retirada parcial dos subsídios ao crédito agrícola também pode influenciar negativamente os preços do item alimentação, sem se esquecer que os produtos hortifrutigranjeiros estão sendo muito prejudicados pelas chuvas.

Caso a inflação atinja os 13%, será recorde histórico mensal, que ainda está com janeiro de 1964, quando se registrou a taxa de 11,3%. Em março passado, verificou-se uma elevada taxa, quando o IGP atingiu 10,1%. Se for confirmada inflação mensal de 13% em junho, ela será maior que muitas taxas de inflação anuais obtidas na década de 1950, como a de 12,3% nesse próprio ano, de 11,9% em 1951, de 12,9% em 1952, de 12,4% em 1955 e de 6,9% em 1957, segundo o Índice Geral de Preços, da Fundação Getúlio Vargas.